
Faculdade de Tecnologia de Americana – Ministro Ralph Biasi

Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda

MARCO AURÉLIO MORAIS DE AGUIAR

A INFLUÊNCIA DAS ARTES NA MODA DO SÉCULO XX E XXI

AMERICANA/SP

2019

MARCO AURÉLIO MORAIS DE AGUIAR

A INFLUÊNCIA DAS ARTES NA MODA DO SÉCULO XX E XXI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Tecnologia de Americana como parte das exigências do curso de Têxtil e Moda para obtenção do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda.

Orientador(a): Prof^a Dra. Nancy de Palma Moretti

AMERICANA/SP

2019

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Fatec Americana - CEETEPS
Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte

A23i AGUIAR, Marco Aurélio Morais de

A influência das artes na moda dos séculos XX e XXI. / Marco Aurélio Morais de Aguiar. – Americana, 2019.

64f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda) - - Faculdade de Tecnologia de Americana – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Profa. Dra. Nancy de Palma Moretti

1 Moda – história 2. Arte I. MORETTI, Nancy de Palma II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana

CDU: 687.016 (091)

7.01

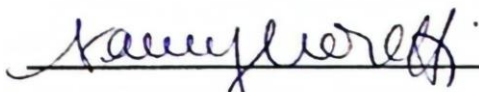
MARCO AURÉLIO MORAIS DE AGUIAR

A Influência das Artes na Moda do Século XX e XXI

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda no curso de Têxtil e Moda da Faculdade de Tecnologia de Americana.

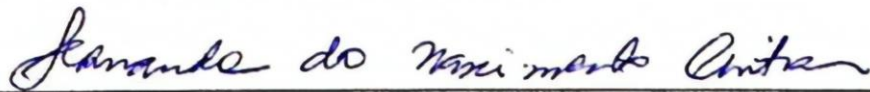
Americana/SP – 4 de dezembro de 2019

Banca Examinadora:



Orientadora: Dra. Nancy de Palma Moretti

Faculdade de Tecnologia de Americana



Professora Convidada: Esp. Fernanda do Nascimento Cintra

Faculdade de Tecnologia de Americana



Professor Convidado: Me. Valmir Calefi

Faculdade de Tecnologia de Americana

**Para os que chegaram até aqui e
possam se interessar, dedico como
conhecimento esse trabalho.**

**À aqueles que me deram a origem e virtude
da vida, o semblante e aos semelhantes
que compartilham do meu sangue, pelo
apoio e união.**

*“Eu acredito que exista beleza em tudo.
No que as pessoas normais percebem
como feio, eu geralmente consigo
enxergar beleza”.*

Alexander McQueen

RESUMO

A arte e a moda são dois grandes mundos e que se interligam e conectam entre si, seja por meios criativos, sociais e principalmente históricos. Entretanto ainda existem discussões sobre o posicionamento da moda dentro da arte e muitos a negligenciam na mesma. Há muitos pontos que devem ser levados em consideração e analisadas, esse trabalho tem como objetivo mostrar a relação entre as duas em vários aspectos, como história e contextos político-sociais, a criatividade e o ramo da filosofia sobre as funções artísticas e a estética aplicada em ambas. Por meio da leitura e da compreensão do estudo proposto, que haja uma nova consciência sobre o papel da moda e sua inclusão nas artes.

Palavras-chave: Moda; arte; estética; história, criatividade.

ABSTRACT

Art and fashion are two great worlds that interconnect with each other, whether by creative, social and especially historical means. However, there are still discussions about the positioning of fashion within art and many overlook it in art. There are many points that must be taken into consideration and analyzed, this project aims to show the relationship between the two in various aspects, such as history and social-political contexts, creativity and the philosophy area about artistic functions and applied aesthetics in both. Through reading and understanding the proposed study, there is a new awareness about the role of fashion and its inclusion in the arts.

Keywords: Fashion, art, aesthetics, history, creativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Queermuseu, Brasil, 2017	18
Figura 2 – Vogue jul. de 1945 e “O grande vidro” de Marcel Duchamp, 1923 ...	22
Figura 3 – Desfile de Alexander McQueen, 1999 e Jum Nakao, 2005	22
Figura 4 – Salvador Dalí e Joseph Beuys	24
Figura 5 – New Look, Flávio de Carvalho, 1956	24
Figura 6 – Wild Woman, Vadis Turner, 2017	25
Figura 7 – Peças de Sonia Delaunay	27
Figura 8 – Dalí e vestido de gavetas de Schiaparelli, 1936	28
Figura 9 – Vestido e telefone lagosta, Dalí e Schiaparelli	29
Figura 10 – Abaporu, Tarsila do Amaral	30
Figura 11 – Desfile da Osklen, SPFW n44	31
Figura 12 – Concretismo e Neoconcretismo	32
Figura 13 – Maria Bonita, SPFW 2008 e 2009	32
Figura 14 – Tropicália, Hélio Oiticica	34
Figura 15 – Criações de Zuzu Angel e Ronaldo Fraga	35
Figura 16 – Jesus Rafael Soto, Bridget Riley e Frank Stella	37
Figura 17 – Harper’s Bazaar, abril de 1965	37
Figura 18 – Criações de Rudi Gernreich	38
Figura 19 – Os designers futuristas	39
Figura 20 – Latas de sopa Campbell, Andy Warhol	40
Figura 21 – Mondrian e Pop Art, Yves Saint Laurent	41
Figura 22 – Dior e Andy Warhol	41

Figura 23 – Escultura Viva, Marisa Merz, 1966	42
Figura 24 – Camisa de Vivienne Westwood	43
Figura 25 – Basquiat e Comme Des Garçons	44
Figura 26 – Uma e Três Cadeiras, Joseph Kosuth	45
Figura 27 – Coffee Table Skirt, Hussein Chalayan	46
Figura 28 – Exemplos de moda conceitual	46
Figura 29 – Jeffrey Shaw e Hussein Chalayan	47
Figura 30 – Obras minimalistas	48
Figura 31 – Kate Moss e Calvin Klein	49
Figura 32 – Homem Vitruviano, Leonardo da Vinci	51
Figura 33 – Apolo e Baco	52
Figura 34 – A Fonte, Marcel Duchamp, 1917	53
Figura 35 – Desfiles de Margiela e Alexander McQueen	54
Figura 36 – Números e constelações em amor com uma mulher	56
Figura 37 – Ensaio 1	57
Figura 38 – Ensaio 2	58
Figura 39 – Ensaio 3	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O QUE É ARTE?	14
2.1 A função da arte.....	15
2.1.1 <i>Há limite nas artes?</i>	16
2.2 Moda é arte?	19
2.2.1 <i>A roupa e o tecido aplicados como arte</i>	23
3 MOVIMENTOS DA MODA VINCULADOS COM AS ARTÍSTICAS	26
3.1 Cubismo e Delaunay.....	26
3.2 Schiaparelli conhecendo o surrealismo.....	27
3.3 A arte brasileira com a moda nacional	29
3.3.2 <i>Concretismo e neoconcretismo</i>	31
3.3.3 <i>Tropicalismo</i>	32
3.4 Efervescência da metade do século	35
3.4.1 <i>Op art e o futuro</i>	36
3.4.2 <i>Pop art</i>	39
3.4.3 <i>Arte povera e os punks</i>	42
3.5 Grafite e streetwear.....	43
3.6 O conceitual	44
3.7 Arte tecnológica	46
3.8 Minimalismo	47
4 ESTÉTICA	50
4.1 Visão apolínea e dionisíaco	50
4.2 A estética na arte e na moda	52
5 DESENVOLVIMENTO DE UMA PRODUÇÃO DE MODA	55

5.1 A obra	55
5.2 Inspirações para o ensaio	56
5.3 Ensaio	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

A moda e a arte são dois mundos artísticos que em vários aspectos se conectam e são tão próximos quanto imaginado. Ambas tem grande importância para o entendimento do contexto político-social, cultura, a indumentária e vestuário, os padrões de uma determinada época da história.

É proposto por meio de pesquisas uma necessidade de legitimar a moda como campo do saber na academia artística. Levantando uma linha do tempo, dando enfoque principalmente nos séculos XX e XXI, identificando alguns episódios políticos e artísticos onde a moda se posiciona com um forte veículo de comunicação, além de trazer questionamentos sobre a importância e função que a arte pode apresentar na sociedade e valores estéticos.

Ainda há uma indagação por conta da arte e seu posto perante as pessoas, o que ela pode trazer de importante e útil, a faculdade do conhecimento artístico é visto sem propriedade, como algo sem necessidade ou que não deveria receber atenção, assim como ocorre com a moda, sempre vista como algo frívolo. Com isso sempre é levado a pontos de discussão, seja por qual a função da arte, o que pode ser considerado arte ou não, questionando seus limites e validade estética e se moda pode ser considerada uma forma de arte.

Por ambos os conhecimentos serem determinados de forma negativa e terem muitos pontos em comum, há um objetivo de demonstrar que a moda e a arte têm um papel muito importante na história e na nossa vivência, desmistificando o estigma fútil, e apresentando como uma das formas históricas de ler a humanidade. Existe uma natureza política nos fatos da intersecção arte e moda no decorrer da pesquisa que sinalizam tal encontro, e mostrar que a moda possui muitas características que a leva a ser inserida dentro das várias áreas que compõe as artes.

O primeiro capítulo indica reflexões e sobre a arte em geral e discussões que ela gera para as pessoas, como já mencionado. O segundo traz um estudo histórico focado nas décadas do século XX e alguns pontos do século XXI em forma de linha do tempo, apresentando e evidenciando como em vários momentos a moda e a arte são conectadas e influente uma para outra, e como

a sociedade em geral pode manifestar em ambas, através da cultura, ideologias, conflitos sociais e políticos. O capítulo seguinte levanta uma aplicação da área da filosofia sobre a estética dentro do tema proposto do projeto. E por fim, após todos os estudos sobre a temática, é realizado uma produção de moda inspirado em uma obra de arte, mostrando todo o processo criativo até chegar ao resultado final.

2 O QUE É ARTE?

A arte é uma forma de representação do ser humano em expressar sentimentos, emoções e desejos de várias formas, seja por meio das pinturas, música, dança, teatro, cinema, esculturas, dentre muitos outros, para a filosofia é uma expressão do mundo imaterial projetada para o material. Segundo Fernando Pessoa, “A ciência descreve as coisas como são; a arte, como são sentidas, como se sente que são”. O termo arte vem do latim “*ars*” que significa habilidade, técnica. A arte tem como uma das funções mostrar o reflexo da sociedade, história e cultura. A estética varia de muitas maneiras como beleza e abstrato, realismo e conceitual, harmônicos ou caóticos, com poucas ou excessivas informações.

O primeiro registro de arte humana vêm das pinturas rupestres, cerca de 40.000 - 30.000 a.C., mostrando que desde de sempre os homens buscavam relatar o cotidiano e mensagens por meio das pinturas em paredes de cavernas.

“ A Arte existe porque a vida não basta”, frase dita pelo poeta brasileiro Ferreira Gullar. Com essa frase é possível compreender a necessidade que o homem tem em sentir e criar a arte.

“A educação com arte propicia o desenvolvimento do pensamento que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e imaginação. Aprender arte, envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles”
(PCN ARTE 1 1997: 15)

Se é muito discutido sobre a utilidade da arte ou a importância que ela traz. Ela é um fenômeno cultural, que pode vir de qualquer lugar a qualquer hora ao longo da humanidade. Segundo o grande historiador de arte Ernst Gombrich (1909 - 2001) a arte não possui nenhuma definição, algo que possa explicá-la concretamente, mas que existem artistas, seus criadores e a mente por trás. Não há espaços para existir regras que ditam sobre ela, mas sim a fluidez que existe ao longo dos tempos, passando por gerações e sempre se inovando e trazendo

de volta ao passado para o presente com frescor. Ao longo dos períodos, os artistas tratam de entender e passar suas obras por meio de uma forma, uma estética, podendo ser a contextualização da sociedade na época, inovações de criações ou uma auto representação do ser. Estas características quando utilizadas por um grupo de caráter semelhante, se denominam movimentos artísticos.

Alguns pensadores trazem o questionamento sobre o que é a arte, se há uma definição concreta e um embasamento sobre ela. O russo Leon Tolstói conhecido por Guerra e Paz e Anna Karenina em 1897 publicou seu livro “O Que é Arte?” onde ele trazia conceitos sobre o tema. Defendia que o conhecimento artístico deveria ser para todos e que a arte considerada boa era a que todos poderiam entender seu conceito. Além de que o autor trazia uma autorreflexão sobre a tese, onde dizia que a arte é um meio de comunhão entre pessoas, uma transmissão de sentimentos, conexões. Outra análise apontada em seu livro eram a abominação de três pontos que levariam ao que pode-se chamar arte ruim, eram quando os artistas ganhavam por suas obras, as críticas de artes e o surgimento de escolas de artes, porque essas situações afastam o ser do real sentimento do que poderia se considerar arte pura, sincera. Umberto Eco, italiano, trouxe ensaios em “A Definição da Arte” em 1962 onde ele descreve que a arte não possui respostas mas sim reflexões sobre o que pode ou não ser considerado arte, já que toda uma essência é necessário estar por de trás de uma obra e que tentar explicar um real significado é tendencioso.

Tanto Tolstói quanto Eco levantaram pontos em comum, o prazer. Para Tolstói, o conceito de beleza é uma manifestação do perfeito e prazer pessoal e que não pode definir a arte, e o prazer não é um parâmetro. Já Umberto Eco expõe que o estudo da crítica e a tentativa de interpretação racional sobre o que é arte e suas funções é mais prazerosa do que usufruir da mesma.

2.1 A função da arte

No decorrer dos séculos, a arte tem o papel de contar histórias, acontecimentos, educar, informar e mostrar valores estéticos vigentes na época, a realidade ou o abstracionismo, entretenimento e questões sociais.

A arte pode ser distinguida a partir de três funções dependendo do propósito, a pragmática, naturalista e formalista.

A função pragmática tem uma visão onde a arte possui o ofício de alcançar um objetivo não artístico, mas de passar algum tipo de ensinamento, seja ela social, política ou alguma doutrina, isto é, a arte não está no valor em si. Como um exemplo é no período da Contrarreforma, onde o barroquismo mostrava a grandeza e a riqueza dos céus, para emocionar os fiéis e os mantê-los na Igreja Católica, que estava sendo ameaçada pela Reforma protestante de Martinho Lutero.

O naturalista traz o interesse pelo conteúdo da obra, o que está sendo retratada e não pela estética apresentada, como se a alma e não a aparência física importasse, podendo apontar o dadaísmo e o cubismo como exemplos.

E por fim a função formalista o que mais vale é a forma da apresentação da arte, uma valorização da experiência estética da obra, cada indivíduo terá uma experiência e percepção diferente, pois cada um enxerga determinadas situações de várias maneiras, além da carga cultural em si e tiram suas próprias conclusões.

Segundo Ernst Fischer, a arte é:

“Papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornavam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social. Uma sociedade altamente complexificada, com suas relações e contradições sociais multiplicadas, já não pode ser representada à maneira dos mitos.” (FISCHER, 1983, p.1)

As artes não necessariamente podem ser apenas classificadas nessas três funções, isso vai além de como nós nos aproximamos de uma obra e o momento que se encontra trará outros significados. Ela é liberta, abrange vários caminhos e conceitos, é histórica e moderna, não há barreiras que limitem o artístico, que não permita que seja executado.

2.1.1 Há limite nas artes?

É levantada uma discussão há um bom tempo sobre a existência de um limite para as artes, até onde algo pode ser considerado arte. Exemplo de tempos que essas argumentações existe foi no ano de 1863, onde foi realizado

uma exposição paralela ao Salão de Paris, chamado *Salon des Refusés* (Salão dos Recusados) onde eram expostas obras recusadas pelo salão oficial. A exposição paralela foi realizada por pressão e protestos dos artistas recusados. Recebeu uma grande parcela de público, mas que foram ver de perto e ridicularizar as obras, entre os expositores estavam Paul Cézanne, Édouard Manet, artistas impressionistas. Esse salão é considerado um dos primeiros passos da pintura moderna.

A arte contemporânea, que é um dos principais momentos artísticos que sofrem com essas discussões não são artes ruins ou elitistas como comumente são chamados. Para algumas pessoas o valor de uma obra se dá pelo detalhamento e realismo colocado, negligenciando todos os outros estilos artísticos, a arte não tem apenas um sentido, uma padronização do que deve ser feito, razão pelo qual existem muitos movimentos artísticos ao longo dos séculos, já que pessoas queriam romper aquela barreira vigente e ir além e explorar novos caminhos.

Nomes como Marcel Duchamp, Jackson Pollock, Andy Warhol, Henri Matisse, são sempre usados para a crítica da atual arte “pobre e burra”, que não podem ser considerados artistas. Todos utilizavam seus meios para se expressar de alguma forma, alguns como Duchamp e Warhol brincavam com a anti-arte, como uma forma de refletir o que poderia ser arte e de fato acabavam se tornando arte, é isso que ela quer que aconteça, a arte quer ser questionada e refletida, ela não é concreta e limitada, mas sim extrapolada, de estar sempre além e a frente de seu tempo.

O vanguardismo sempre chocou a sociedade, pelo fato da maioria estar constantemente apreciando e usufruindo do tradicionalismo, e quando algo foge desses valores gera desconforto. “Olympia” (1863) de Manet, “*Les Femmes d'Alger*” (1895) de Pablo Picasso e a “Fonte” (1917) do Duchamp são algumas das obras duramente criticadas em suas épocas e que hoje não apresentam sinais negativos ao público que os vê.

O papel da arte é trazer sentimentos e reflexões, mas nem sempre bonitas ou alegres, todos podem sentir a arte, seja até pelos sentimentos de desconforto, repulsa, medo ou até mesmo a indiferença.

Algumas opiniões ditam que o limite pode ser a lei, mas a lei não pode ser o limite, como a Ditadura Militar no Brasil, onde a censura estava a vigor.

Com esse bloqueio, permitiu que mais artistas surgissem, criticando o que estava acontecendo com o país naquele momento, isso era ir contra a lei.

No final dos anos 60 e inícios dos 70, no Brasil, uma série de artistas trabalharam no sentido de unir as práticas e estratégias da arte conceitual com um ativismo político. Não se tratava de representar processos revolucionários com imagens de guerrilheiros lutando triunfantes ou operários desmilinguidos pelo fome ou fortalecidos como Hércules pelo processo revolucionário. Muito pelo contrário e antes de tudo, tratava-se de questionar a concepção de arte como representação, considerada como canônica para o capital e sua burguesia. Busca-se um isomorfismo estrutural entre o processo revolucionário da guerrilha e as práticas e linguagens artísticas. Ou seja, como realizar um processo revolucionário-guerrilheiro no universo estético, cultural e artístico, respeitando sua autonomia e em seus próprios termos?

Braga, Eduardo Cardoso, São Paulo, outubro de 2015.

A censura de fato é um tópico de grande discussão para o mundo artístico, já que ela é recorrente a muito tempo, época de Michelangelo quando terminou o altar da Capela Sistina, taxado de imoral e profano e que mais tarde teve que cobrir os corpos nus com túnicas e cangas por ordem do Papa, indo ao corpo nu realista e não padronizado de Manet em 1865 ao polêmico quadro “*A origem do Mundo*” de Gustave Courbet de 1866, considera escandalosa e de mal gosto, onde era coberta por uma cortina nas exposições e só foi publicamente mostrada 109 anos depois, em 1995.

Entre casos recentes, aconteceu no Brasil com a exposição *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, em 2017. A mostra foi acusada de zoofilia, pedofilia, blasfêmia, imoral, apologia de gênero.

Figura 1 - Queermuseu, Brasil, 2017



Fonte: Folha de S. Paulo (2017)

Estes argumentos contra foram utilizados de forma ingênua e com críticas rasas sobre as obras que estavam sendo expostas. Segundo o professor e crítico de arte da PUC-Rio, Sérgio Bruno Martins, “Eles viram no meio da arte a chance de inflamar uma espécie de guerra cultural, jogando com um plano moral, no qual uma retórica da escandalização tem um apelo muito fácil, especialmente nesse ecossistema de redes sociais”.

Trazendo para a moda, ela também é palco para censuras, marcas como Calvin Klein frequentemente é censurada por mostrar uma sensualidade mútua entre os modelos ou a própria nudez. Em 2017, na Galeria Vittorio Emanuele, em Milão, a Prada fez um desfile fazendo uma crítica a censura da nudez na moda, onde todas as modelos usavam tarjas pretas nas regiões íntimas. Um caso maior foi com a estilista britânica Vivienne Westwood, conhecida por ser extravagante e cheia de polêmicas, na década de 1970 ela tinha uma boutique junto com seu então marido Malcolm McLaren, a “SEX”, peças de couro, correntes, spikes, estampas com críticas sociais eram a cara da lojas, mas não agradou a população londrina que criou um abaixo assinado para que a loja fosse multada e fechada por imoralidade e sadomasoquismo, esse ato não foi concluído e como resposta a estilistas cobriu suas vitrines com lonas pretas, onde segundo ela apenas as pessoas de mente aberta e com vontade poderiam entrar em sua loja e conferir suas peças.

O fim da liberdade é o começo da censura, e a arte tem o direito de pensamento, crítica, a expressão o sentimento de manifestação e com vários pontos de vista e opiniões e colocando um limite vai contra esses quesitos e segundo Oscar Wilde, a arte não é moral nem imoral, mas amoral, ou seja, a arte em si não tem consciência, quem produz seus significados, interpretações é o público, é algo individualizado, ela nunca é vista com igualdade por todos.

Se a própria arte não é totalmente definida, não há alguém ou algo que possa impor algum limite sobre ela.

2.2 Moda é arte?

Um ponto que gera discussões no ramo artístico sobre moda ser considerada uma vertente artística ou não, cada lado tendo suas opiniões. Aqueles que são contra alegam que não pode ser considerada arte pelo fator

comercial, como a questão de coleções, tendências de estações, não sendo atemporal e sim um ciclo que está sendo se inovando. De fato a arte não tem o intuito de vender, de fazer parte do consumo desenfreado que ocorre na sociedade, mas algumas artes acabam tendo valor de mercado, assim como por exemplo na moda a Alta Costura. O fast fashion realmente não se preocupa com o sentimento, valor e o conceito, apenas em produção em massa e vendagem, mas isso não pode generalizar a moda toda em si.

Utilizar-se do argumento que moda não pode ser uma área artística por conta d'ela ser voltada para venda de um público alvo quando na arte, ao longo de vários períodos, muitas obras eram na verdade encomendas de pessoas da alta sociedade da época, como a Casa dos Médici no Renascimento.

Como citado anteriormente, a Alta Costura, o prêt-à-porter leva todo um tempo para ser realizado, onde os estilistas colocam seu sentimento, conceito, suas expressões artísticas como cores, texturas, estampas, formatos como a modelagem, moulage em forma de roupa. Um exemplo clássico é o pai da Alta Costura, o britânico Charles Frederick Worth, no século XIX. Worth trabalhava em seus vestidos como obras de arte, onde inclusive assinava as peças. Designers na maior parte das vezes buscam inspirações em obras de arte, instalações, entre outros, mostrando que ambas andam lado a lado. Aqui pode-se destacar a estilista italiana Elsa Schiaparelli, que trabalhou com o surrealista Salvador Dalí na década de 1930 em uma coleção de peças como vestidos, chapéus, sapatos, bolsas. Mais de 400 vestidos da Dior viraram peças para uma exposição no Museu das Artes Decorativas em Paris, aliás, Christian Dior, Coco Chanel, Schiaparelli, Alexander McQueen, entre outros, frequentemente possuem peças de seu acervo em exposições de arte e moda pelo mundo. A dupla de estilistas holandeses Viktor & Rolf para sua coleção outono/inverno de 2015 colocaram vestidos saindo da parede onde as molduras se tornavam as barras das peças, formando uma mescla de vestido com quadros, a ideia era mostrar como as roupas podem ser comparadas a obras de arte, pelo detalhamentos, produção artesanal e conceito.

“No início dos anos 80, a moda é oficialmente reconhecida como uma forma de expressão cultural digna de interesse: ela entra nos grandes museus, no Museu Metropolitano de Arte de Nova York, no Louvre em Paris, com a Associação UFAC-UCAD, em Londres e em

Kyoto...Azzedine Alaïa desfile no Museu de Arte Contemporânea de Bordeaux, templo da arte contemporânea. Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto abrem suas boutiques em Paris, comparáveis a galerias de arte. Yves Saint Laurent expõe em grandes museus retrospectivas de sua obra. Os artistas criam os convites do desfiles e os próprios cenários, como Keith Haring para Vivienne Westwood e Gérard Garouste para Andeline André”
(Müller, Florence, Arte e Moda, São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000, pág.14 e 15)

A roupa é um elemento muito importante e presente nas pinturas, desde seu início. Por meio do vestuário que podemos entender como era o comportamento humano da época, a estética, nuances entre grupos sociais e entender toda a história.

“As artes visuais, além das formas tradicionais — pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, objetos, cerâmica, cestaria, entalhe —, incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas do século XX: fotografia, **MODA**, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador. Cada uma dessas modalidades artísticas tem a sua particularidade e é utilizada em várias possibilidades de combinações entre elas, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si e com outras pessoas de diferentes maneiras.” (PCN ARTE 2, 1998: 63)

Outra grande aproximação da arte com a moda são os editoriais e produção de moda. Revistas como Vogue, Elle, Harper's Bazaar trabalham nos editoriais onde as modelos, a ambiência, as roupas, a fotografia sejam minuciosamente bem executados, dignos de uma obra.

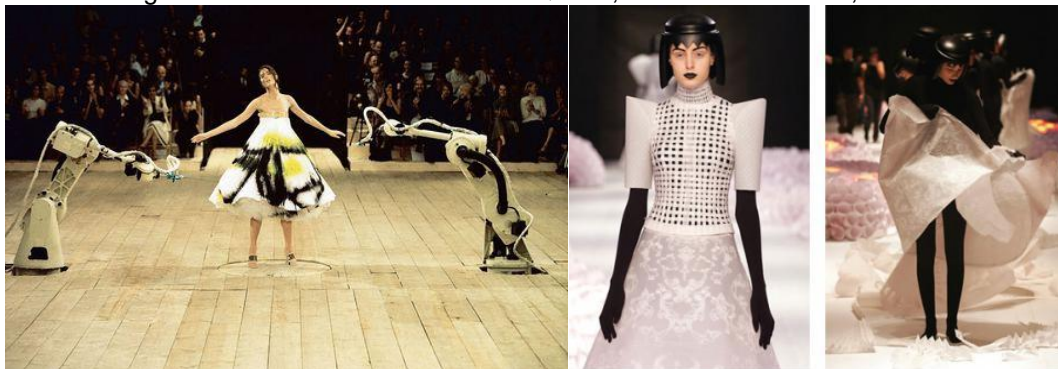
Figura 2 - Vogue de jul. de 1945 inspirado na obra “O grande vidro” de Marcel Duchamp, 1923



Fonte: www.toutfait.com (1999).

Desfiles de moda, onde alguns se tornam grandiosos e comentados como uma performance, por exemplo “A costura do invisível” do Jum Nakao na São Paulo Fashion Week de 2004, o desfile de outono/inverno de Alexander McQueen de 1999, também como Maison Margiela, Comme des Garçons de Rei Kawakubo, John Galliano para a Dior, que chocaram o público com suas encenações, provocando angústia, excitação, repulsa, reflexões e sentimentos mas ainda sendo um desfile de uma coleção.

Figura 3 - Desfile de Alexander McQueen, 1999 e Jum Nakao, 2005.



Fonte: ffw.uol.com.br (2017)

Grande parte dos conceitos idealizados pelos estilistas de determinadas coleções são apenas para mostrar ao seu público aquilo que irá fazer parte das peças que são vendidas posteriormente, as roupas apresentadas nas passarelas quase nunca são vendidas, só em casos de colecionadores, e nesse aspecto a passarela acaba se tornando uma espécie de exposição, galeria para as pessoas apreciarem a obra mostrada, que no caso são as vestimentas.

A finalização de uma obra termina no seu público, a mensagem que passa para ele e ele visualiza nela, assim como a roupa apenas por si só não possui a totalidade, já que não há a forma deseje e a interação com uma pessoa.

2.2.1 A roupa e o tecido aplicados como arte

O momento em que a roupa foi apontada como um instrumento, material de obra de arte foi quando Marcel Duchamp propôs a criação do “*ready made*”, em que consiste em uma radicalidade artística do mesmo, uma anti arte, onde a arte agora é feita a partir de objetos já fabricados, dar um sentido artístico dentro de algo que não foi produzido para aquela ideia, conceito.

Em 1958 ele usou um colete de risca de giz vermelha e compôs a obra “*Gilet Pour Benjamin Péret*”, neste caso, a roupa perde sua essência original, já que seu intuito é ser usado em um corpo humano, mas passa a ser designado como uma obra.

Antes de Duchamp, o surrealista Salvador Dalí (1904- 1989) em 1936 criou o casaco afrodisíaco, na qual ele usou para tirar um auto retrato e após sua morte foi exposto.

Posteriormente o alemão neodadaísta Joseph Beuys (1921- 1986) em 1970 apresentou a obra intitulada “Terno de Feltro”, que consistia basicamente de um terno feito do tecido nomeado pendurado em um cabide. O sentido de conforto e segurança é o que a obra se dedica a gerar ao público, assim como o tecido de feltro, e segundo o Beuys, a obra tem o poder de trazer esses bons sentimentos aos que observa uma arte.

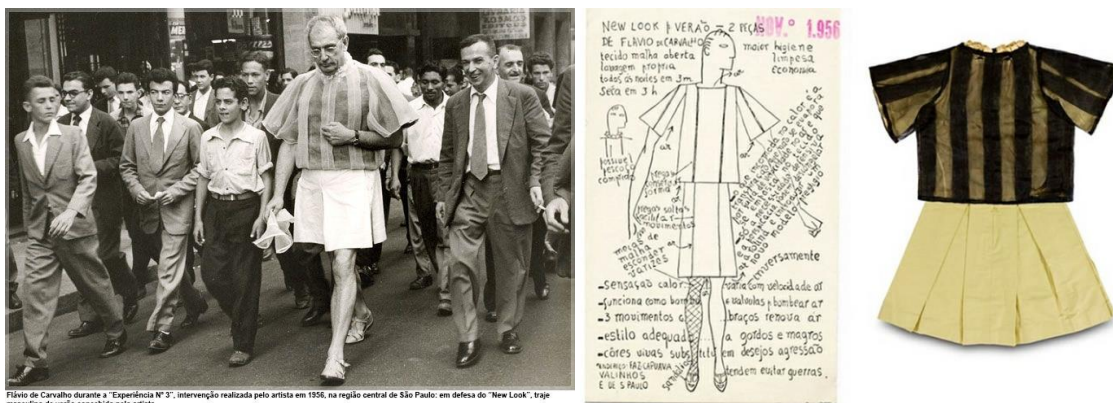
Figura 4 – Casaco afrodisíaco, Dalí (1936) e jaqueta de feltro, Beuys (1970)



Fonte: salvador-dali.org

No Brasil em 1956, o artista Flávio de Carvalho andou pelo centro da cidade de São Paulo utilizando um *New Look*, um traje de verão composto por uma camisa de mangas curtas, uma saia parecido com um *kilt*, um chapéu, meia arrastão e sandálias. Esse manifesto foi feito de forma para criticar os valores estéticos.

Figura 5 – New Look, Flávio de Carvalho, 1956.



Flávio de Carvalho durante a "Experiência N° 3". intervenção realizada pelo artista em 1956, na região central de São Paulo: em defesa do "New Look", traje masculino de verão concebido pelo artista

Fonte: nasentrelinhas.com (2012)

László Moholy-Nagy que lecionava na Bauhaus, defendia a união da tecnologia, têxtil no design e nas artes. A construtivista russa Varvara Stepanova utiliza tecidos de algodão criados pela mesma para estampar suas criações. A também russa Alexandra Exter, uma vanguardista da Rússia, organiza em 1915 uma exposição em Moscou de obras reproduzidas em tecidos. Em 1911, Sonia Delaunay cria sua primeira obra têxtil chamada "*Simultânea*", que consiste em

vestidos com várias formas geométricas estampas ou aplicadas onde sua intenção era criar efeitos óticos. O dadaísta Tristan Tzara criara vestidos com poemas e tecidos de Ilia Zdanévich, que desenhava seus letrismos nas tramas dos tecidos. Na atualidade temos a artista norte americana Vadis Turner, que é conhecida pela prática de pintura com tecidos reaproveitados, dando uma aproximação da indústria têxtil para a produção artística.

Figura 6 – Wild Woman, Vadis Turner, 2017



Fonte: www.vadisturner.com

3 MOVIMENTOS DA MODA VINCULADOS COM AS ARTÍSTICAS

Uma das primeiras conexões entre a moda e a arte no século XX foi na famosa escola alemã de design Bauhaus. Dentre as inúmeras oficinas dispostas havia também a oficina de tecelagem, onde a maior parte dos alunos eram mulheres e comandada por Gunta Stölzl. A professora buscou conhecimentos em inovações para tecer, além de tingir e fazer fiação em outros materiais como seda. As artes têxteis da oficina eram bem destacados nas exposições que a Bauhaus realizava. Além também da oficina de teatro tríade, onde neste balé a maior fonte de expressão não é o corpo em si mas o figurino na qual o corpo se adapta como uma extensão de si.

Neste século muitas evoluções trouxeram mudanças na arte e na moda como um todo, a aproximação das belas artes com a arquitetura o design e a moda, busca por novos materiais para se fazer arte.

3.1 Cubismo e Delaunay

O cubismo é o primeiro movimento artístico que trouxe uma influência para a moda no início do século. Picasso é o maior nome dentro do cubismo e a figurinista e pintora ucraniano-francesa Sonia Delaunay levou este movimento para dentro da moda. Sonia não era tão ligada à moda, sua intenção era aplicar cores, texturas e luzes sob tecidos.

Delaunay viu na concepção de moda um modo alternativo de exploração artística, abandonando o ideal comercial/empresarial seguido por Coco Chanel, pois infelizmente a sua compreensão da natureza efêmera da moda opunha-se aos valores impostos e institucionalizados da arte, na altura não existia ainda espaço para uma visão da Moda como obra de arte, o que fez com que perdesse valor neste campo. (Cabrita, Hélio, 2012, p. 22)

Ela concordava com a frase que o dadaísta Tristan Tzara uma vez mencionou onde segundo ele a pintura só começou a fazer parte de nossas vidas quando as mulheres começaram a vesti-la.

Seus vestidos eram geométricos, cores vibrantes, estampas abstratas como as obras cubistas.

Figura 7 – Peças de Sonia Delaunay



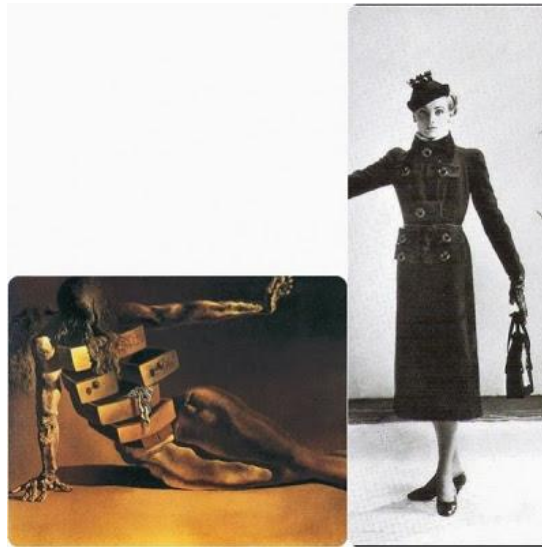
Fonte: www.elespanol.com

3.2 Schiaparelli conhecendo o surrealismo

A italiana Elsa Schiaparelli foi uma das primeiras estilistas a criar o conceito, coleções temáticas e ousar em suas criações. Ela era a maior rival de Coco Chanel, que inclusive existe rumores no qual a mesma denominava Elsa como uma artista que fazia roupas.

Seu primeiro contato com o surrealismo e o maior nome do movimento, o espanhol Salvador Dalí (1904 – 1989) foi em 1936 quando ela criou um vestido contendo várias gavetas inspirado na obra “O contador antropomórfico” do mesmo.

Figura 8 – Dalí e vestido de gavetas de Schiaparelli, 1936



Fonte: revistacliche.com.br (2012)

Ela realizou com outros artistas como Christian Bérard, Jean Cocteau, onde realizou vários trabalhos importantes, mas seu maior parceiro e seus maiores feitos foi com Dalí.

Peças como o chapéu-sapato, um dos mais conhecidos, era um chapéu feito a partir de um sapato escarpam no tecido de veludo preto ou rosa e era posto de forma invertida na cabeça. Ela foi inovadora também no uso do zíper, apesar que já existir, ela usava em evidência nas roupas. Já o seu trabalho mais famoso foi o vestido lagosta em 1937, onde teve uma forte influência na obra de Dalí "Telefone lagosta (1936)", o vestido gerou grande fama quando a Duquesa de Windsor, Wallis Simpson, usou e foi fotografada para a revista Vogue. A lagosta foi desenhada por Salvador e Elsa estampou em um vestido de organza de seda branca. O telefone na qual foi fonte de inspiração tinha um teor satírico e sexual, já que as partes genitais da lagosta se posicionavam no lado de cima, onde ela posto a boca para falar, e a estilista usou dessa ideia surrealista e provocativa e colocou em um vestido se remetia a pureza, mas danificando o sentido com a estampa de tal imagem.

Figura 9 – Vestido e telefone lagosta, 1937, Schiaparelli e Dalí



Fonte: mintsquare.co

3.3 A arte brasileira com a moda nacional

O Brasil traz também a influência entre a moda e a arte. E para entender é preciso voltar a décadas passadas, onde começou essa união de ambas.

Pode-se dizer que o vanguardismo brasileiro começou a tomar conta a partir do início da década de 1920. Um exemplo que abre essa corrente é a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, entre os dias 11 a 18 de fevereiro daquele ano. Cada dia era realizado uma vertente artística: literatura, pintura, escultura, poesia e música. Nomes como Oswald de Andrade, Pagu, Eugênia Moreyra, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti entre outros ganharam conhecimento e lançaram o Modernismo no país. O conservadorismo e crítica da época acusaram como cretinos, endiabrados e não deram devidos valores as artes executadas.

3.3.1 Movimento antropofágico

A Semana de 22 foi crucial e gerou um desmembramento de um novo movimento. Criado por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, tinha o princípio de fortalecer uma cultura de natureza nacional. Em 1928 foi lançado o *Manifesto Antropofágico* dentro da Revista Antropofagia, publicada em São Paulo.

Antropofagia tem como significado literal o ato de comer a carne humana, e trazendo para o sentido artístico, a palavra é utilizada no sentido de devorar a

cultura europeia vigente e alterar para uma forte visão nacional. O maior exemplo desse manifesto e que estampa até os dias de hoje é o quadro *Abaporu* de Tarsila, sendo a pintura brasileira mais reconhecida e valiosa do mundo.

Figura 10 - Abaporu, Tarsila do Amaral, 1928.



Fonte: www.educamaisbrasil.com.br

Nesta época, uma mulher colocou em prática esse sentimento patriota do Brasil ao olhos do planeta, Carmen Miranda, fruto de um tratado político chamado de Boa Vizinhança, mostrou suas peças extravagantes como longos vestidos com estampas tropicais de pássaros, paisagens, frutas e babados, além de sua marca registrada que são os acessórios de cabeça, seja turbantes de cestos de frutas e lenços com flores. Apesar de não haver uma conexão direta entre a cantora e os vanguardistas, os pensamentos e realizações seguem uma mesma linhagem antropofágica e Carmen levou esse movimento para outros locais do mundo, principalmente os Estados Unidos e criando uma pequena tendência entre as mulheres que lhe adorava e idolatrava.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o início do período de polarização da Guerra Fria, fez com que essa identidade nacional enfraquecesse, e alguns anos mais tarde uma nova geração vanguardista artística voltasse.

Mas a sua suma importância está presente até hoje no Brasil, influenciando as artes gerais e a moda nacional, como a Osklen, que na São Paulo Fashion Week de 2017 trouxe uma coleção cápsula totalmente inspirado no manifesto de 1928 e buscando aquele espírito de não conformismo da época, com peças sem gênero, cores fortes, e uma grande brasilidade.

Figura 11 - Desfile da Osklen, SPFW n44, 2017.



Fonte: <https://ffw.uol.com.br> (2017)

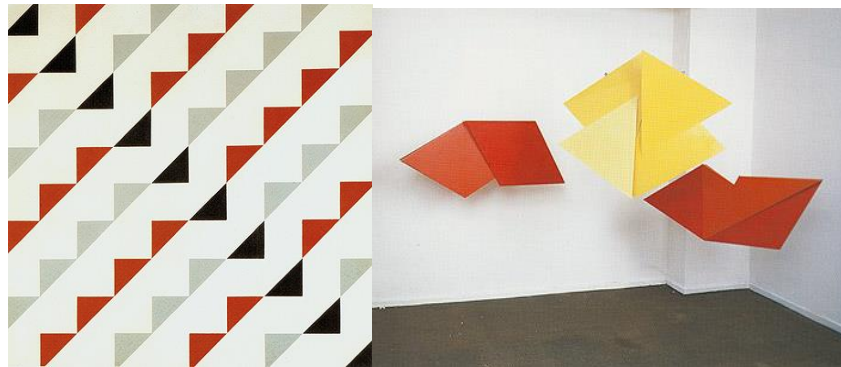
3.3.2 Concretismo e neoconcretismo

No ano de 1951 o Brasil elegeu por voto popular o antigo presidente Getúlio Vargas, que voltou ao posto. Nesse período a oposição estava crescendo assim como a oposição militarista. Com esse clima de desordem social e repressão, o país estava caminhando para algo concreto, sistemático e nada subjetivo. Isso foi palco para o surgimento do movimento concretista na arte na década de 1950, na cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro.

De uma divergência artística dos grupos concretistas, há uma separação onde cada um parte para um lado para gerar outras vertentes da arte.

Em 1959 é criado o Manifesto Neoconcreto, publicado no Jornal do Brasil e assinado por nomes como Lygia Clark, Lygia Pape, Ferreira Gullar e outros. No manifesto é abordado questões como a liberdade da experimentação, indo contra os ideais do Concretismo, a subjetividade, cores vibrantes, novos materiais, a ciência do estudo de gerar novas formas e a interação com público.

Figura 12 - Concretismo de Hermelindo Fiaminghi, 1956 e o Neoconcretismo de Hélio Oiticica, 1959.



Fonte: Concretismo e Moda (2015)

Na moda nacional alguns estilistas usaram a fonte dos dois movimentos como influência para suas criações, como a Cori que usou cenografias e peças com estéticas geométricas inspiradas no concretismo. Maria Bonita utilizou os recortes, manipulação das formas e as cores do neoconcretismo para algumas de suas coleções realizadas.

Figura 13 - Maria Bonita, SPFW Verão 2008 e 2009.



Fonte: <https://fw.uol.com.br> (2010)

3.3.3 Tropicalismo

Um pouco antes da metade da década de 1960, em 1964, um golpe que toma o poder das mãos do presidente eleito Jânio Quadros e o Brasil entra novamente em uma era de ditadura militar, e dessa vez ainda mais forte e terrível. Com o crescimento já citado da juventude, aqui no Brasil isso também ocorreu e os jovens se tornaram a porta voz da população mas não demorou muito para que a censura começasse a tomar conta e tentar calar as vozes da geração. Mas isso não silenciou de vez, muito pelo contrário, só gerou a

realização de intervenções artísticas por meio das artes plásticas, teatro, moda e principalmente na música.

Entre os dias 12 de agosto à 12 de setembro de 1965 um novo passo foi dado na arte brasileira, uma rede de vanguardismo e corrente de críticas, foi o início da “Opinião 65”, um conjunto de eventos e manifestações culturais que ocorreram no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), marcaram a presença de 29 artistas entre eles brasileiros, argentinos e alguns europeus. Um dos nomes que mais se destacaram foi o carioca Hélio Oiticica, que futuramente seria um dos percussores do tropicalismo. Sua polêmica participação na Opinião 65 foi com sua obra Parangolé, que consiste em roupas que era ativadas quando vestidas, sendo assim uma interação da arte com a moda. Com os tecidos dando movimentos as performances eram realizadas no espaço, mas foi interferido e expulso por acharem que sua obra era invasiva e poderia prejudicar outras obras da mostra. Oiticica levou sua atuação para os jardins do museu para dar continuidade - “sem movimentos não há Parangolé” - disse Hélio anos mais tarde ao ver suas roupas penduradas na sala do museu. Com o clima de êxtase artístico que estava acontecendo no Rio de Janeiro, São Paulo também resolveu realizar o movimento e criou as “Propostas 65” em dezembro do mesmo ano.

O patriotismo que estava transcendente na época, alguns anos mais tarde geraria o Tropicalismo, uma nova cara da pop art com temas e referências brasileiras, esse movimento tomou grandes proporções na música, mas não foi a partir dela que começou.

Em abril de 1967 no Rio de Janeiro, mais precisamente no MAM Rio que foi realizado a Nova Objetividade Brasileira, contando com artistas como Lygia Clark, Mário Pedrosa, Lygia Pape, Ivan Serpa, Waldemar Cordeiro e principalmente Hélio Oiticica, que novamente dá um salto a mais sobre a arte brasileira. Nessa exposição, Oiticica traz a instalação “Tropicália”, um labirinto ambientado com elementos nacionais como araras, plantas, praias, cores vibrantes, uma televisão e cortinas. Essa obra tinha como intenção de provocar as condições de vida que os brasileiros estavam sofrendo no período da ditadura, onde muitos estavam na margem da pobreza em um período de industrialização.

Figura 14 - Tropicália, Hélio Oiticica, 1967.



Fonte: www.encyclopedia.itaucultural.org.br

Influenciado pela obra, Caetano Veloso cria o álbum *Tropicália* em 1967, levando ao surgimento e crescimento do movimento de mesmo nome. Os Mutantes, Gilberto Gil, Nara Leão, Gal Costa e Tom Zé são as vozes que mais destacaram e difundiram a Tropicália. A moda é a próxima a ser influenciada, já que os artistas criaram uma identidade visual muito forte.

“Rejeitava-se a ditadura da moda rompendo-se as costuras e as pences. Era uma ruptura de comportamento: ruptura moral, política, sexual e social. Propunha-se liberdade de expressão, a busca de uma nova estética: da estética do amor. A roupa é uma linguagem” - Essas foram as palavras que a estilista e artista plástica mineira Regina Boni, que teve a ideia de juntar a música, com a política e mesclar na moda, assim em 1968 nasce a marca Ao Dromedário Elegante, totalmente inspirada pelo tropicalismo. Regina vestia cantores, militantes, personalidades como Erasmo Carlos, Rita Lee, Chacrinha, Wanderléa, Gal e Caetano. Para ela, a roupa é uma linguagem e uma extensão do corpo.

Mas talvez o maior nome que trouxe o movimento artístico para a moda e espalhou para o mundo foi a mineira Zuzu Angel. A estilista levou o nome do país a terras estrangeiras. Zuzu sempre foi influenciada pela cultura e identidade brasileira o que a levou a ser inspirada pelo tropicalismo. Suas estampas levavam desenhos como flores, frutas, pássaros, árvores, além de cores fortes e genuinamente tropicais como azul, amarelo, laranja, verde. Seu trabalho levou a ser a pioneira do prêt-à-porter no Brasil e cativou grandes nomes como Joan Crawford, Liza Minnelli, Veruschka, entre outros e alguns desfiles em Nova York.

O tropicalismo talvez seja o maior movimento artístico nacional presente na moda do Brasil, onde até hoje suas referências estão presentes em semanas

de moda como a São Paulo Fashion Week, Minas Trend e a Casa de Criadores com coleções de roupas e acessórios.

Figura 15 - Criações de Zuzu Angel nos anos 70 e Ronaldo Fraga, SPFW Verão 2002.



Fonte: oglobo.globo.com

3.4 Efervescência da metade do século

“A garotada... tinha mesmo uma aparência muito bacana, reluzindo em vinil, camurça e penas; em saias, botas e meias-calças de malha em cores brilhantes; em sapatos de verniz e microsaaias douradas e prateadas; em vestidos retos de Paco Rabanne enfeitados com discos de plástico; e muitas calças boca de sino. Suéteres colados e vestidos curtos. Muito curtos, que se ampliam abaixo dos ombros e terminam bem acima dos joelhos”

(Andy Warhol e Pat Hackett, POPism: The Warhol Sixties, 1980)

Em meio ao caos e as inovações, a década de 1960 foi marcada por grandes movimentações, acontecimentos. A partir daquele momento, conceitos antigos são quebrados e novos modos ascendem à sociedade.

A juventude até então como eram, adultos com pouca idade, não cultivavam suas próprias culturas, moda, não havia identidade que pudesse distinguir de seus pais.

A nova década traz um novo olhar, ideologias, os jovens não queriam mais viver como seus parentes, eles queriam viver sob suas próprias ideias, vontades. Cada um na sua peculiar mudança gerou uma revolução interna e externa, e

cada vez mais suas vozes começaram a ser ouvidas e suas concepções foram postas em prática. Os Stones, Beatles, o surgimento do Heavy Metal, entre outros, mostram a revolução que a nova geração queria exibir ao mundo, assim como o movimento hippie que pregava a paz na humanidade em um período destrutivo como a Guerra do Vietnã e a Guerra Fria que poderia eclodir a qualquer momento, com lemas que se tornaram o porta-voz da juventude dos anos 60, “*Paz e Amor*” e “*Faça Amor, Não Faça Guerra*” frases simples mas que carrega uma energia de uma geração que queria mudanças de várias formas. A grandiosidade desse movimento pode ser visto por exemplo no Festival de Woodstock, em 1969, que contou com mais de meio milhão de pessoas que compareceram em três dias de música, sexo e drogas, e que é visto como os jovens se distanciaram do que eram impostos. Essas ideologias revolucionárias mudaram para sempre socialmente, como novos costumes que se estendem até hoje e culturalmente como na arte e na moda.

“Nesse clima de agitação, era inevitável que a forma de alguém se vestir imediatamente o identificasse a alguma corrente de pensamento, a algum sistema de valores. Não foi a moda que criou o debate ideológico, mas sim a crise das ideologias que acabou atingindo o mundo da moda.” (ARBEX e TOGNOLI, 2000, pág. 34)

3.4.1 *Op art e o futuro*

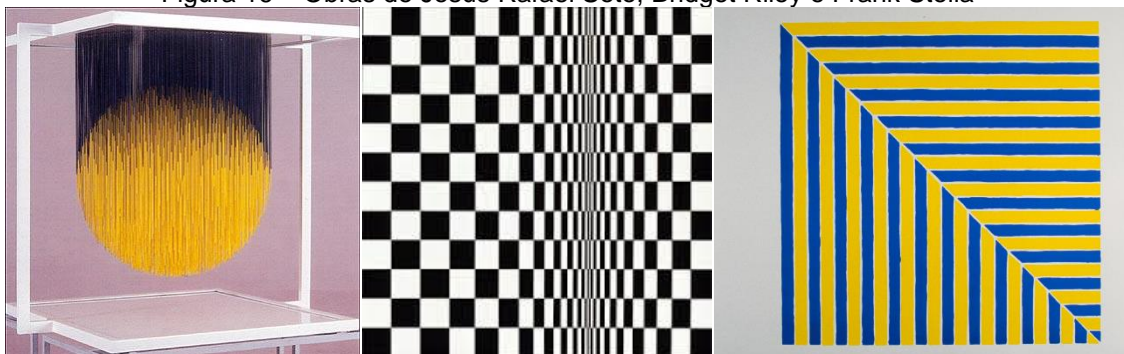
Guerra Fria estava em plena agitação durante o período que se encontra. A década foi marcada pela então Corrida Espacial, Estados Unidos e União Soviética disputando entre elas quem poderia chegar primeiro ao espaço com a sua melhor tecnologia. Este cenário serviu para que os artistas da época se inspirassem no futurismo e como seria o mundo dali alguns anos. Na arte, moda, televisão, música, tudo estava antenado nas novas tecnologias e influências que ela trazia.

A Op Art é um movimento artístico que se originou nesta era, seu nome se origina da palavra *Optical Art* ou Arte Óptica. Tendo seu início logo no começo dos anos 60, mas não houve tanto impacto mundial quanto a Pop Art dado pelo fato de ser uma arte sistemática, que levava para um lado mais científico quanto

artístico. Sua origem provém dos avanços científicos, além da Física e estudos psicológicos.

Sua explosão ocorreu em 1965, quando o MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova York) instalou a exposição “*The Responsive Eye*” que continha mais de 100 obras, todas de Op Art. Houve intrigação por parte dos visitantes e dos críticos por conta da aproximação da arte com a psicologia, ciência e tecnologia, tanto pelo lado positivo quanto negativo. A exposição continha obras de artistas como Jesus Rafael Soto, Frank Stella, Josef Albers, Edward Avedisian, entre outros, além da artista mais conhecida do movimento, Bridget Riley.

Figura 16 – Obras de Jesus Rafael Soto, Bridget Riley e Frank Stella



Fonte: Pinterest

Não demorou muito para que a Arte Óptica se encontrasse com a moda. Larry Aldrich foi um precursor de levar essa arte para a moda, quando se juntou ao designer de estamparia Julian Tomchin para produzir uma coleção de peças inspirados nas obras de Bridget Riley.

Figura 17 – Harper’s Bazaar, abril de 1965



Fonte: www.harpersbazaar.com (2017)

O estilista austríaco refugiado da guerra chamado Rudi Gernreich, que ficou muito conhecido no mundo da moda pela criação do monoquíni, em 1964 viu o movimento se espalhar pelos museus e decidiu levar essas telas para os tecidos e criar coleções com base no mesmo.

Mesmo passado tempos e o movimento ter decaído, a Op Art não deixa de ser influência na moda atual. Jean Paul Gaultier, Givenchy, Alexander McQueen, Valentino são algumas das muitas marcas que já trouxeram para os anos atuais a influência desta arte, seja ela da forma mais discreta, algo moderno ou como antigamente, trazendo um ar mais vintage para a peça.

Figura 18 - Criações de Rudi Gernreich



Fonte: interior design.net

Ainda seguindo na onda do futurismo e com a possível chegada do homem à Lua, David Bowie se inspirando para a criação do seu alter-ego, o astronauta Major Tom, a exibição dos Jetsons na televisão, filmes como *Barbarella*, *2001: Uma Odisseia no Espaço*, outros três estilistas fizeram história ao trazerem o futuro para a moda, André Courrèges, Pierre Cardin e Paco Rabanne.

Com os avanços tecnológicos, o mundo deveria ser mais prático, rápido, princípios onde eles começaram a conceituar seus trabalhos. A visão de que o futuro era composto por cores metálicas e monocromáticas como branco, preto, prata, materiais inusitados, silhuetas em formas geométricas não convencionais e seus minimalismos. Vinil, PVC, metal, plástico, poliéster, faziam parte do dia-a-dia desses criadores e suas criações, além de tecidos assim como gabardine, tweed, chifon, musseline. A bota Go-go, inventada pôr Courregès se tornou o

fenômeno entre as mulheres dos anos 60, tal calçado inspirado nas botas dos astronautas. Essa moda ficou conhecida como Moon Girl, famosas da época como Brigitte Bardot e Twiggy também aderiram à inovação fashion. Era um futuro positivo utópico, humanos desfilando em Marte ou na Lua, mas que deixou marca no mundo da moda, tanto no têxtil, quanto na modelagem e inspirações futuras de coleções.

“O luxo nas roupas não faz sentido para mim. É algo que pertence ao passado. O meu problema não são os ricos bordados, o desperdício sem sentido, mas sim resolver problemas funcionais, tal como faz o engenheiro que projeta um avião, ou o homem que concebe um carro. Não há uma diferença real entre eles e eu.”

André Courregès.

Figura 19 – Criações de Pierre Cardin, André Courrèges e Paco Rabanne



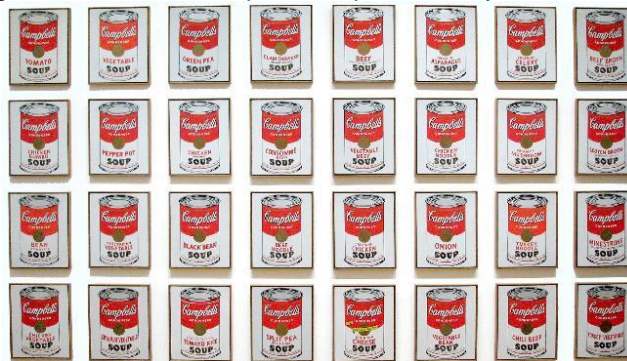
Fonte: stylourbano.com (2016)

3.4.2 Pop art

Nova York estava vivendo grandes momentos da arte na década de 1950 e 60. Ali naquela efervescência artística que surgiu Andy Warhol. Ele não foi o criador desse movimento, mas com certeza o levou para outro patamar, a internacionalização da Pop art. O movimento era composto por utilizar elementos da cultura de massa como produtos, personalidades, e mesclar com cores vibrantes, repetições, frases de efeito, e trazendo novos conceitos, em um período contracultura.

Um dos primeiros grandes feitos do Pop Art foi em 1962 quando Andy Warhol criou um painel contendo 32 imagens repetidas da lata de sopa Campbell's pintada pelo próprio Warhol. Essa obra pode trazer um teor político e crítico onde a repetição representa a massa da população vivendo e pensando da mesma forma, quase como uma linha de produção, o uso da lata de sopa é para representar um produto largamente consumido pelos americanos na época.

Figura 20 - Latas de sopas Campbells, Andy Warhol, 1962.



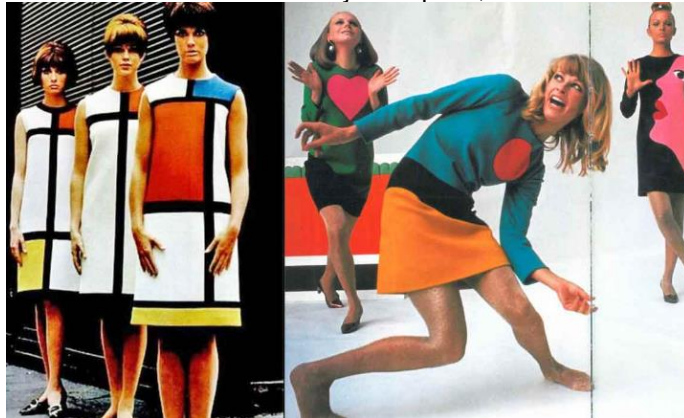
Fonte: médium.com (2018)

Obras dessas obras como repetições feitas de serigrafia de Marilyn Monroe, Mao Tse Tung, Elvis Presley ficaram muito famosas pelo mundo.

Da forma como a Pop Art representava, seus conceitos, materiais utilizados para as obras, cores, formas não demorou muito para que a moda se sentisse inspirada em seguir uma vertente a partir desse estilo, mesmo que esse movimento seja contra princípios que a moda segue.

O primeiro a vir utilizar foi Yves Saint Laurent, quando em 1966 lança o famoso vestido "Mondrian", uma leitura da obra *Composição II em Vermelho, Azul e Amarelo* do pintor holandês Piet Mondrian. Esse vestido parte da coleção de outono/inverno intitulada Pop Art.

Figura 21 – Vestidos Mondrian e coleção Pop Art, Yves Saint Laurent, 1966.



Fonte: lobopopart.com.br (2016)

O próprio Andy Warhol acabou trabalhando também no mundo da moda, desenhando para revistas como Vogue, Mademoiselle, Glamour. Em 1975 criou vestidos para a exposição “Fashion as Fantasy”, as peças foram montadas a partir de vestidos recortados de Valentino, Yves Saint Laurent, Oscar de la Renta, Halston, Diane Von Fürstenberg, Giorgio di Sant’Angelo e Clovis Ruffin. Com isso a Pop Art e a moda estavam aliados por muitos anos.

Outro exemplo da grande influência foi quando a Dior produziu bolsas com estampas de desenhos de sapatos que Andy Warhol tinha criado nos anos 60.

Figura 22 - Dior e Andy Warhol, 2014



Fonte: <https://ffw.uol.com.br> (2014)

Mesmo com a morte dos maiores mestres do movimento como Warhol, Keith Haring, Roy Lichtenstein e com a queda da arte ao longo dos anos, a moda ainda reinventa e traz influências deles e de suas criações nas coleções. Em exemplos como o Gianni Versace para sua marca nos anos 90, A Nike, Converse, Vans, Nicopanda e talvez a que mais bebe da fonte de inspirações, Jeremy Scott com a Moschino. Além de estampas de várias obras dos originais presentes em camisetas, bolsas, sapatos entre outras peças produzidas em

larga escala para as fast fashion, trazendo uma ambiguidade da real mensagem que era passado contra a produção em massa.

3.4.3 Arte povera e os punks

O movimento artístico italiano originado a partir do final da década de 1960 e o movimento punk vindo primeiramente do Reino Unido nunca tiveram uma aproximação direta, onde uma influenciava a outras, mas ambas possuíam contextos e ideologias iguais, seja nas questões estéticas, políticas e sociais.

Povera, feminino de *poveiro* significa pobre, ou seja, uma arte pobre. Assim como a Pop art que ocorreu paralelamente, ambas se propunham em levar a arte mais para o cotidiano, a realidade das pessoas, mas o que diferencial é que a pop art trazia materiais em massa, técnicas de serigrafia entre outras, enquanto a povera inculcava o uso de objetos sem uso, inúteis, buscavam empobrecer a arte. Atuavam com crítica a economia capitalista como o consumo de larga escala, desvalorização das coisas. Este movimento foi um dos primeiros passos que futuramente iria se tornar a arte conceitual.

Figura 23 – Escultura viva, Marisa Merz, 1966



Fonte: tate.org.uk

Os punks compartilhavam das mesmas ideias que os italianos da arte povera, o sarcasmo, interesse pelo grosseiro, a ofensa, demonstravam pessimismo e niilismo, o rompimento das gerações que os antecederam. Na vestimenta isso era muito visível, com roupas rasgadas, desbotadas,

reutilizadas, com caráter agressivo e estampas com críticas sociais, desprezo por ideologias e políticas e exaltação da rua e a música.

Figura 24 – Camisa de Vivienne Westwood, madrinha dos punks



Fonte: dazeddigital.com

3.5 Grafite e streetwear

Tendo seus primórdios cerca de 1968, fruto do movimento contracultura em Paris, o grafite foi sendo gerado, onde jovens utilizavam os espaços urbanos como forma de protestos utilizando imagens e frases para criticar a sociedade, política, entre outras pautas. Não demorou muito para que elevasse ao status de arte e se tornar um movimento artístico e se espalhar por todo o mundo. Hoje em dia em São Paulo existe o Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo (MAAU-SP), considerado o primeiro museu de arte urbana aberta do mundo.

Voltando ao passado, no cenário do final da década de 1970 da cidade de Nova York surge Jean-Michel Basquiat, considerado o maior artista de grafite da história, onde sua história começou quando ele pintava nos prédios abandonados no centro da cidade. Quando em fama se tornou uma forte personalidade do neoexpressionismo de 80.

Basquiat sempre teve uma ligação com o mundo da moda. Sua primeira exposição de arte ocorreu dentro da boutique de Patrícia Field, a *House of Field*, que na década de 80 era muito frequentada por alternativos, artistas independentes. Basquiat customizara camisetas, entre outras peças e as vendiam por preços simbólicos para ajudá-lo nas despesas dele, já que ainda não era tão conhecido.

Ele é considerado o pioneiro do streetwear, estilo irreverente que mistura conforto, comodidade, casualidade. Seu estilo ia de blazer feito de marcas de luxo, calças pintadas por ele mesmo, muitos acessórios, peças oversized, a mescla de peças antigas com novas, a alfaiataria com o grunge e o étnico com clássico, e sempre tendo um estilo único e elegante.

Em 1987, é chamado para desfilir para a marca japonesa Comme Des Garçons, de Rei Kawakubo, usando terno e sapato boneca.

Apesar da morte precoce, sua inovação do estilo streetwear na moda, o grafite as artes deixam um legado de sua existência.

Figura 25 – Basquiat para Comme Des Garçons, 1987 e estilo streetwear moderno



Fonte: médium.com (2017)

3.6 O conceitual

Os vanguardistas do início do século XX tem enorme influência para futuras conceitos artísticos, neste caso específico, principalmente os dadaístas. Michel Duchamp criticava a arte ser reduzida a apenas painéis com tintas, texturas, a bi dimensionalidade da obra, sendo apenas materiais para compor o todo.

A arte conceitual apareceu por volta do final da década de 1960 e início do 1970, quando esse sentimento de quebra bidimensional da arte, a necessidade de discussões sobre os limites e ultrapassar a barreira que existia, esse foi o palco para seu surgimento. Influenciando também a música, dança, teatro e em seguida para a moda.

Em 1969, é publicado a primeira edição da revista *Art-Language*, onde é dita que a arte deveria deixar de ser algo apenas visual e passar a ter um significado por de trás de seu trabalho. Segundo George Maciunas, um dos

fundadores do Fluxus e do movimento, diz “Livrem o mundo da doença burguesa, da cultura 'intelectual', profissional e comercializada. Livrem o mundo da arte morta, da imitação, da arte artificial, da arte abstrata... Promovam uma arte viva, uma antiarte, uma realidade não artística, para ser compreendida por todos [...]”

Figura 26 – Uma e três cadeiras, Joseph Kosuth, 1965



Fonte: agoraalternativa.wordpress.com (2015)

As principais características da arte conceitual é a suma importância do conceito por trás da obra, seu significado, a estética não ser o elemento primordial, críticas formalistas e procurar criar discussões para o público. Um exemplo a ser citado é uma das obras mais conhecidas do artista conceitual mas influente, Joseph Kosuth, “*Uma e três cadeiras*” apresenta uma fotografia de uma cadeira, ao lado uma cadeira real e acima um texto definindo o significado da palavra cadeira a partir de dicionários. A reflexão que traz é se apenas a cadeira real é uma cadeira ou se as outras presentes também são, mesmo sendo em forma foto e de texto.

Foi na década de 1980, que esse sentimento conceitual chega ao mundo da moda. A moda representa costumes, modos, estilos presentes para nós que a consumimos. O conceitual vem para mostrar a reflexão, valores e o conceito do estilista por meio das roupas e do desfile.

Figura 27 - Coffee Table Skirt, Hussein Chalayan, 2000



Fonte: Hussein Chalayan (2017)

Na coleção de inverno de 2000, o estilista Hussein Chalayan cria uma pequena mesa onde a modelo o abre gerando camadas e virando uma saia, um forte exemplo da moda conceitual assim como nomes como Alexander McQueen, Guo Pei, Martin Margiela, Issey Miyake.

“O que venho tentando fazer, e que provavelmente fiz, é criar roupas que parecem existir a muito, muito tempo. Na realidade, jamais existiram. Não sou um estilista que cria estética na moda. Crio estilo a partir da vida, e não estilo a partir do estilo”
Issey Miyake, 1984.

Figura 28 - Exemplos de moda conceitual.



Fonte: <https://ffw.uol.com.br> (2018)

3.7 Arte tecnológica

Enganchando mesmos princípios da Arte Conceitual, existe a Arte Tecnológica. Se no passado antes da tecnologia só havia exclusividade artesanal de produção de arte, com a chegada da máquina fotográfica outros meios foram explorados, esse seria uma amostra do que virá a junção da

tecnologia com a arte e a moda. Defendido primeiramente pelos futuristas da década de 1910, onde a cada manifesto publicado, era ampliado uma nova tecnologia que pudesse ser usado para criar arte e passando pelos cubistas, surrealistas e dadaístas, que também buscavam artes alternativas.

Os artistas passam a elaborar instalações, happenings (acontecimentos em inglês, apresentação artística realizado em lugares inusitados) moldando dispositivos tecnológicos, dando uma junção à ciências e a arte.

Essa arte vem inspirando a moda por muito tempo, já que o mercado da moda e têxtil está em sempre crescimento, e novos conhecimentos tecnológicos para essa área contribui bastante, mas ainda mantendo a estética. Novos tecidos, aprimoramento dos já existentes como retenção de líquidos, não amassam, brilho, toque e lavagem, técnicas de corte a laser, roupas inteligentes e sensoriais, atraem novos consumidores e o mercado, e vem crescendo em estudos para a criação de mais tecnologias para o futuro da moda, assim como os artistas que uniram a arte com a ciência, buscando novos meios artísticos.

Figura 29 - Jeffrey Shaw, Caverna, 1995 e Hussein Chalayan, Paris Fashion Week, 2007.



Fonte: História da Arte (2009)

3.8 Minimalismo

Movimento artístico teve seu início na década de 1960 nos Estados Unidos. Sua característica é a total simplicidade e uma abordagem direta dos temas.

Seu surgimento se dá pela oposição da *Action Painting* (Gestualismo), um ramo do expressionismo abstrato, que o achavam grosseiro, sem conteúdo e espontâneo. Sua inspiração veio do escultor russo Constantin Brancusi e tem como sua estética o monocromático, formas simples e geralmente retas, luz e

sombra. A arte minimalista se encontra da pintura, em grande parte na escultura e instalações, além da música, teatro e na moda, sempre utilizando o mínimo de recursos para valorizar o básico, simples.

Figura 30 - Luzes, Dan Flavin (1969) e Sol LeWitt, Two Open Modular Cubes/Half-Off (1972)



Fonte: theguardian.com

A moda minimalista teve uma breve aparição na década de 1960 também, mas em uma forma de combinação, mescla com o futurismo que a mesma estava totalmente inspirada.

Foi nos anos 90 que ganhou força, após a exagerada década anterior, com um estilo *low profile*, com silhuetas mais retas, e logo explodiu em todo o mundo. O minimalismo virou até tendência para modelos, foi aí que surgiu o *heroin chic*, modelos de pele pálida, cabelos lisos mas levemente bagunçados, rostos sem expressão e olheiras, Kate Moss é a maior representação desse estilo.

“A modernidade começa aqui, como processo de eliminação: costura mínimas, peso mínimo, cuidado mínimo, detalhes mínimos. Minimalismo, penso, é o futuro...”

Geoffrey Beene, entrevista para Grace Mirabella em Geoffrey Beene Underground, 1994.

Figura 31 - Kate Moss desfilando e uma campanha da Calvin Klein na década de 90



Fonte: <https://ffw.uol.com.br> (2011)

4 ESTÉTICA

Caráter do ser ou da coisa que desperta sentimento de êxtase, admiração ou prazer através dos sentidos. São essas definições que descrevem o significado de beleza. O homem sempre quis retratar a beleza perfeita por meio das artes, principalmente na pintura e escultura. A busca do rosto mais gracioso, um corpo perfeito, o utópico desejo de ser o mais divino possível em relação aos outros.

O que possa ser considerado uma beleza, um padrão perfeito varia de épocas e culturas. A Grécia Antiga foram um dos precursores de buscar o padrão perfeito, onde haviam três pilares para essa procura: a harmonia, proporção e o equilíbrio. Suas indagações são utilizadas até hoje em dia.

No século XVII e XVIII, os empiristas John Locke e David Hume relativizam a beleza, ou seja, que ela não é uma qualidade das coisas, mas sim um sentimento no espírito mental de que as visualiza. Para o filósofo Immanuel Kant, não existe uma ideia de belo e nem deve ter regras para produzi-lo.

Para Georg Hegel (1770 – 1831) a apreciação da beleza na arte muda com o passar dos tempos, e depende da cultura de uma determinada época e região. Com isso o que é belo ou feio pode mudar ao longo do período.

4.1 Visão apolínea e dionisíaco

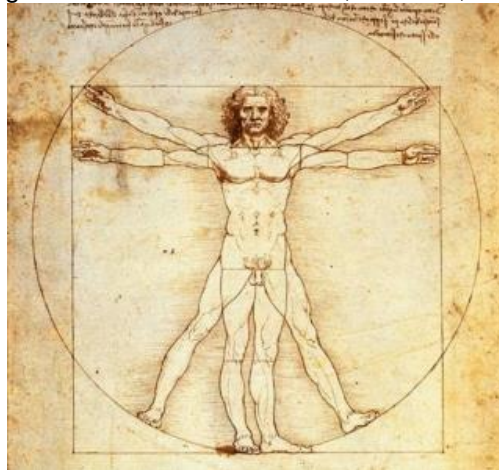
Apolo durante a Antiguidade era considerado a perfeição, ordem, harmonia e sinônimo de proporções corporais ideais. Ele é o deus da Poesia, Razão, Equilíbrio e das Artes.

O corpo e beleza apolínea não pode ser excessivo e exagerado, algo moderado, sendo tudo rigorosamente proporcional. Essa fissura humana em conseguir construir a forma perfeita levou séculos de estudos, desde Villard de Honnecourt (1200 - 1250) à Marcus Vitruvius Pollio, o famoso idealizador do Homem Vitruviano. A construção deste estudo veio do tratado “De Architectura”, sua obra prima. Nele, Vitruvius descreve as proporções do corpo perfeito masculino em seu terceiro livro. Há mais de vinte descrições para idealizar o

corpo perfeito. Mas houveram tentativas frustradas por parte de vários artistas, que não conseguiam encaixar todas as definições dentro de um só desenho.

Durante o Renascimento por volta de 1490, o gênio Leonardo Da Vinci faz sua leitura sobre o Homem Vitruviano, e com sucesso, sendo um dos poucos a conseguir esse feito. Caracterizando um homem nu, com posições sobrepostas, braços e pernas abertas, envolvido por um círculo e a figura dentro de um quadrado.

Figura 32 – Homem Vitruviano, Da Vinci, 1490



Fonte: www.cultura.estadao.com.br (2017)

Tudo há seus opostos, o *yin* e o *yang*, felicidade e tristeza, quente e frio, guerra e paz. Na figura divinal perfeita de Apolo, há a presença e o estudo de seu irmão Dionísio, também conhecido como Baco na mitologia romana. Ele representa tudo o que seu irmão não era considerado, a insanidade, o caos, e a festança, essas eram algumas atribuições dadas à Dionísio na Grécia Clássica. Na própria mitologia grega não havia uma rivalidade entre irmãos, mas nas artes por serem desiguais, cada um seguia um lado de expressão como a comédia e a tragédia, razão e emoção.

Figura 33 - Estátua grega representando Apolo (séc. IV a.C.) e Baco, Caravaggio (1595)



Fonte: www.netmundi.org (2017)

Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) em “*O Nascimento da Tragédia*” de 1872 descreve Dionísio como um gênio impulsivo e exagerado, em sempre estado de embriaguez, o sentido místico, um ser que quebra as barreiras que são impostas pelos seres e a ruptura dos limites pessoais.

Da Vinci, assim com o Homem Vitruviano buscando a perfeição, ele também fez estudos com bases em características em exagero, quase em uma interpretação caricata. Essas obras são denominadas “*Cabeças Grotescas*”, entre 1487 à 1502. As primeiras contrapartidas apolíneas artisticamente provêm do Barroco, no século XVII, onde surge a oposição ao estilo clássico até então. Trazendo para a pintura aspectos como a coletividade - conjunto, a profundidade, o claro-escuro (*chiaroscuro*). O Barroco também é um estilo artístico que goza do exagero, um estilo carnavalesco, seja nas artes plásticas, esculturas, moda e na arquitetura.

4.2 A estética na arte e na moda

Este estudo sobre a beleza, Apolo e Dionísio são relevantes, tanto na estética humana, moda e na arte. Afinal, o que pode ser considerado belo? e feio?

O padrão de beleza é uma forma de perspectiva individualista, é um pré conceito criado pela sociedade para controlar e criar concepções do que pode ser considerado belo ou não.

Uma obra de arte não tem a intenção de agradar à todas as pessoas, mas de gerar reflexões a partir dela, conceitos de diferentes pontos de vista.

[...] Por sua vez, nem sempre está ligado à forma apresentada ou a algum conhecimento a priori ou a posteriori, mas a um saber empírico, relacionado à faculdade de imaginação, que é subjetiva. E, ainda que a apreciação da grande Arte seja adversa, o espectador precisa estar com o espírito tão livre quanto o do autor, para apreender significados e dela extrair novos conhecimentos capazes de metamorfosear seu próprio ser.

(Vig, Rosângela, 2014)

Os vanguardistas no início do século XX abriram seus horizontes para novos olhares artísticos e viram na exclusão do feio como uma nova forma de arte. Um dos primeiros a usar são os dadaístas no início da primeira década, onde eles decidem quebrar os padrões artísticos até então e fazerem a anti arte. Para os dados, a feiura, o caos, confusão eram o que eles buscavam em suas obras, era intencionalmente estranho. Marcel Duchamp queria uma ruptura da estética e transforma-la de outra maneira. Segundo Tristan Tzara, um dos precursores do movimento, a obra não deveria ter beleza em si mesma, porque a beleza está morta, que não havia certo ou errado, mas o ódio pelo bom senso.

Figura 34 – A Fonte, Marcel Duchamp, 1917.



Fonte: <http://brasilartesenciclopedias.com.br>

A moda levanta bastantes discussões sobre o que é belo ou feio, não apenas no sentido de padrão de beleza corporal e facial, mas em tudo que a

cerca. Estilistas como Rei Kawakubo, Vivienne Westwood, Martin Margiela, Jeremy Scott, Alexander McQueen, entre outros, utilizam desse recurso para gerar questionamentos sobre seus valores estéticos, seja ele por meio das roupas em si ou pelos desfiles.

Figura 35 – Desfile Margiela Inverno 1990 e VOSS de Alexander McQueen, Verão 2001



Fonte: Elle Brasil (2018)

Exemplos como Martin Margiela quando em 1989 colocou seu desfile de Alta-Costura parisiense em uma tenda próximo a um terreno baldio na periferia da cidade, e pôs moradores locais para andar pela passarela usando os looks. Isso gerou grandes discussões na época sobre a ousadia que o estilista teve em realizar esse desfile. Em 2000, para a coleção primavera/ verão de 2001, Alexander McQueen fez o desfile intitulado “VOSS” onde ao final do desfile, uma grande caixa localizada ao centro do recinto, caiu suas paredes e revelando uma mulher nua com uma máscara de aparência reptiliana e ligada por tubos em sua boca, esse ato é inspirado em fotografias de Joel Peter Witkin, um fotógrafo conhecido por retratar a bizarrice, fotos onde seu intuito é causar estranheza, agonia, medo entre outros sentimentos a aqueles que o vê.

Expandindo a mente além do que é proposto socialmente pode levar novos caminhos de apreciação, conceitos e novos olhares para aquilo já existente, a arte permite que isso ocorra.

5 DESENVOLVIMENTO DE UMA PRODUÇÃO DE MODA

Trata-se da construção de uma produção de moda inspirado de uma obra de arte, com objetivo de reafirmar que a moda e a arte podem se influenciar de várias maneiras.

O processo para chegar no resultado final é dividido por etapas, como desenvolvimento do conceito, criação e edição.

5.1 A obra

A obra selecionada para a produção provém do pintor, escultor, ceramista espanhol Joan Miró (1893 – 1983), o quadro é “Números e constelações em amor com uma mulher” de 1941. A obra foi pintada com tinta e guache sobre papel e é um dos seus trabalhos mais conhecidos no mundo.

Miró pintou um ano após se refugiar da Espanha para a França por conta dos nazistas nos anos iniciais da Segunda Guerra Mundial. Ela apresenta cores primárias e formas diversas e uma atmosfera caricata e exuberante mesmo exibindo um estilo com simplicidade. “O escritor e poeta André Breton, pioneiro do surrealismo, chegou a afirmar que Miró seria o mais surrealista de todos os que participavam do movimento, por causa da sua enorme imaginação“(DORIGO, 2018)

Figura 36 – Números e constelações em amor com uma mulher, 1941.



Fonte: Pinterest, 2019

5.2 Inspirações para o ensaio

A inspirações retiradas do quadro para a produção são a presença de cores primárias e verde, as linhas gerando formas arabescas e circulares, grande quantidade do preto e branco, estrelas e pequenas bolinhas e olhos que estão em evidência no centro e setentrional e toques leves de rosa no fundo da obra.

O ensaio é para a estação outono/inverno e todas as peças são influências do quadro de Miró.

5.3 Ensaio

Figura 37 – Ensaio 1



Fonte: autoria própria

Figura 38 – Ensaio 2



Fonte: autoria própria

Figura 39 – Ensaio 3



Fonte: autoria própria

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte é um instrumento cultural muito forte e rica, na qual ela pode passar mensagens, reflexões, ensinamentos e trazer uma carga de conhecimento e experiências únicas ao indivíduo. Por essa razão ela não se deve ser limitada e repreendida, ela é libertadora, autêntica e sem barreiras.

A moda pode ser considerado parte do que se entende sobre artes, pois ela tem um pretexto, um vínculo com a mesma. A arte por muitas vezes utilizou a vestimenta para mostrar um contexto histórico e representação característica do ser humano. Ambas as áreas partilham de influências, da abundância de sentidos que levam a prática das duas, elas são conectadas em vários pontos, como históricos, filosóficos, político-social, estética e visual. Há um ciclo de saber da arte para a moda e para a sociedade.

Moda pode assumir um papel de exposição, de obra de arte, visto que a roupa não deve apenas ser rotulado para fins comerciais e consumo em massa, mas que ela também pode oferecer questionamentos, raciocínio crítico, uma contemplação artística, seja por meio de conceitos aplicados, valores estéticos sobre a beleza ou fealdade. A passarela e os desfiles podem assumir como exposições de arte, narrando sua apresentação por meio das peças. Que a moda no futuro esteja mais presente dentro de galerias e museus, sendo tratada como uma obra assim como as demais.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2009, Moderna, 4ª edição, São Paulo. (Estética, Arte, Cultura).

ARBEX, José; TOGNOLI, Cláudio. **Mundo Pós-Moderno**. 1 ed. São Paulo: Scipione, 1996. Müller, Florence. Arte & Moda. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

ASH, Mônica. A arte e a moda. Diálogo fashion. 2009. Disponível em: <<https://dialogofashion.wordpress.com/2009/04/30/a-arte-e-a-moda/>> Acesso em: 15 de novembro de 2018.

BLACKMAN, Cally. **100 Anos de Moda**. São Paulo: Publifolha, 2012.

BORGES, Virgínia Todeschini. O corpo e a roupa nas interseções entre moda e arte. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3584>> Acesso em: 14 de abril de 2019.

BRASIL ARTES ENCICLOPÉDIAS. O dadaísmo. Disponível em: <<http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/dadaismo.php>> Acesso em: 05 de outubro de 2019.

Brasil. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CABRITA, Hélio. **Arte e Moda, a Pintura e o Vestuário**. 2014. Projeto para obtenção de grau de Mestre. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. 2014.

CHARLES, Victoria. **Coleção folha: O mundo da arte, Dadaísmo**. Volume 15, 2017. São Paulo: Publifolha, 2017.

COCHRANE, Lauren. **50 Ícones que Inspiraram a Moda, Estilistas**. São Paulo: Publifolha, 2014.

COHEN, Edie. “Fearless Fashion: Rudi Gernreich” opens at LA’s Skirball Cultural Center. Disponível em: <<https://www.interiordesign.net/articles/16377-fearless-fashion-rudi-gerneich-opens-at-la-s-skirball-cultural-center/>> Acesso em: 9 de maio de 2019.

COSGRAVE, Bronwyn. **História da Indumentária e da Moda**. São Paulo: Editora Gustavo Gili. 1ª ed., 2012.

CUNHA, Renato. André Courrèges foi o precursor da moda futurista dos anos 60. Disponível em: < <https://www.stylourbano.com.br/andre-courreges-foi-o-percussor-da-moda-futurista-dos-anos-60/> > Acesso em: 13 de julho de 2018.

CRUZ, Beth. Joan Miró – surrealismo, constelações de amor, fome e guerra. Disponível em: < <http://bethccruz.blogspot.com/2009/01/joan-mir-surrealismo-constelaes-de-amor.html> > Acesso em: 02 de novembro de 2019.

DA COSTA, Cacilda Teixeira. **Roupa de Artista - O Vestuário na Obra de Arte**. São Paulo: Edusp Imprensa.

DE CARVALHO, Flávio. **A Moda e o Novo Homem**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

DIVAHOLIC. A moda é arte ou arte é moda? O contraste da Bauhaus e da Era Vitoriana no design de Katrantzou. 2018. Disponível em: <<https://divaholic.com.br/design/moda-e-arte-ou-arte-moda-o-contraste-da-bauhaus-e-da-era-vitoriana-no-design-de-katrantzou/>> Acesso em: 15 de novembro de 2018.

DROSTE, Magdalena. **Bauhaus: Updated Edition**. 2018. Taschen, 1ª edição.

ELLE. São Paulo: Abril, edição 355, ano 29, dezembro 2017.

FOX, Chloe. **Vogue Alexander McQueen**. 1. ed. Globo, 2012.

GALLO, Silvio. Filosofia: experiência do pensamento. São Paulo: Scipione, 2013.

GARCIA, Sueli. **Arte e Cultura da Moda como Fundamentos do Vestir Contemporâneo**. 2014. Tese para obtenção do título de doutor em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. 2014.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**, 16 ed. LTC; 2000

LEVENTON, Melissa. **História Ilustrada do Vestuário**. São Paulo: Publifolha, 2013.

LOBOPOPART. A influência da pop art no mundo da moda. 2016. Disponível em: < <https://lobopopart.com.br/moda/>> Acesso em: 19 de novembro de 2018.

MARQUES, Xande. Moda e arte. Medium. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/neworder/moda-e-arte-baea197e4ffa>> Acesso em: 19 de outubro de 2018.

MEDEIROS, Raquel. O new look de Flávio de Carvalho. Nas entrelinhas. 2012. Disponível em: <<http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/costurando-ideias/349/o-new-look-de-flavio-de-carvalho/>> Acesso em: 19 de outubro de 2019.

MOOALLEM, Stephen. Pop goes Bazaar: A look back at the magazine in the 1960's. Disponível em: <<https://www.harpersbazaar.com/culture/features/a9956837/harpers-bazaar-in-1960s/>> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

NET MUNDI. Apolíneo e dionisíaco: a criatividade segundo Nietzsche. 2017. Disponível em: <<https://www.netmundi.org/filosofia/2017/os-conceitos-de-apolineo-e-dionisiaco-de-nietzsche/>> Acesso em: 05 de outubro de 2019.

REED, Paula. **50 Ícones que Inspiraram a Moda, 1950**. São Paulo: Publifolha, 2014.

REED, Paula. **50 Ícones que Inspiraram a Moda, 1960**. São Paulo: Publifolha, 2014.

REED, Paula. **50 Ícones que Inspiraram a Moda, 1970**. São Paulo: Publifolha, 2014.

REED, Paula. **50 Ícones que Inspiraram a Moda, 1980**. São Paulo: Publifolha, 2014.

REED, Paula. **50 Ícones que Inspiraram a Moda, 1990**. São Paulo: Publifolha, 2014.

ROCHA, Paula. A moda como arte. Isto É. 2015. Disponível em: <https://istoe.com.br/439223_A+MODA+COMO+ARTE/> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

SCHLITTLER, José Maria Martins. **Como fazer monografia**. Campinas, SP. Servanda Editora, 2008.

SUL 21. Moda é arte? 2012. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/colunas/2012/01/moda-e-arte/>> Acesso em: 19 de outubro de 2018.

THE ART STORY. Performance art. Disponível em: <<https://www.theartstory.org/movement/performance-art/>> Acesso em: 06 de outubro de 2019.

VIG, Rosângela. A Arte bela e a Arte sublime. Obras d'arte. 2013. Disponível em: <<https://www.obrasdarte.com/a-arte-bela-e-a-arte-sublime-por-rosangela-vig/>> Acesso em: 05 de outubro de 2019.

VILAR, Luciana Kuchiki. Moda é arte? Disponível em: <http://obviousmag.org/rg_proprio/2016/moda-e-arte.html> Acesso em: 10 de julho de 2019.

WHITEMAN. Vivian. 30 anos em 30 desfiles. ELLE. São Paulo: Abril, edição 30 anos, ano 30, p. 174- 185, maio 2018.